FACULDADE DE LETRAS UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

227 Inscrição 796



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2022

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a: fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



796

PEDESTAL HONORÍFICO DE L. AVRELIVS VERVS EM OLISIPO (PARTE II)

Introdução

Quando, no ano de 2020, foi publicada em FE 756 a notícia da descoberta de uma base de estátua honorífica dedicada ao imperador Lúcio Vero, referiu-se a existência de uma segunda inscrição: "A face lateral esquerda contém a gravação de uma inscrição funerária coeva da reutilização funerária do pedestal, cuja leitura se afigura impossível de confirmar face à atual posição do monumento, inserido no nicho de uma parede interior da Igreja da Nossa Senhora da Porta do Céu (Estrada de Telheiras, Lumiar)" (REIS, 2020: 8).

O monumento epigráfico que se manteve guardado, até ao final do ano de 2020, na Igreja Paroquial de Telheiras, encontrase, presentemente, depositado no CAL — Centro de Arqueologia de Lisboa.

Aí, a nova disposição do bloco permite, agora, largo acesso a todas as faces do monumento, possibilitando assim a definitiva leitura da inscrição presente na face lateral esquerda (FACE B).

1. A inscrição da Face B do pedestal de Telheiras (FE 756)

Estamos perante a porção intermédia de um texto epigráfico que ocupa três linhas, e que teria continuidade em cima, em baixo, à esquerda e à direita. A *ordinatio* é regular,

sendo utilizada a *capitalis quadrata* com traços de *libraria*, sendo os sulcos da linha 1 notoriamente mais profundos e, por isso, mais bem conservados. Os caracteres são longos e estreitos, culminando em pequenas serifas (particularmente visíveis no C); os EE e os AA apresentam barras curtas e muito ténues; e os OO são oblongos.

A grande fissura no suporte arrasa, do lado esquerdo, grande parte da inscrição. Contudo, na actual l. 1 é ainda perceptível, antes do E, o arranque superior do C (cuja curvatura desaparece na fractura), e a parte central de um S.

Na linha 2 verifica-se um grande espaço entre o início do termo conservado e o termo anterior. Entre o A e o M, resta ainda vestígio da existência de um E, de gravação muito ténue. Na linha 3 observa-se a metade final de um *cognomen* a terminar em *-celliano*, começando no arranque superior do C, do qual resta apenas a serifa superior, e terminando no O, do qual é ainda possível ver grande parte da curvatura. O texto termina deixando um grande espaçamento entre a linha 3 e o final do campo epigráfico.

Transcrição

À primeira vista, muito pouco se pode discernir do texto para que seja susceptível propor uma reconstituição plausível, uma vez que a inscrição conserva apenas c. de ¼ do texto original.

Todavia, a combinação entre duas características invulgares, concretamente, os grandes *interspatia* verificados entre alguns termos do texto, e o amplo espaçamento entre a última linha do texto e o final do campo epigráfico, encontram paralelo numa inscrição identificada, em Junho de 2020, no decurso do acompanhamento da obra realizada no nº 6 da Rua da Saudade (Lisboa), conduzida pela equipa do Museu de Lisboa – Teatro Romano (FE 745), peça-chave para a decifração do texto da face B da inscrição proveniente de Telheiras (FE 756).

2. Comparação entre as faces laterais do FE 745 e do FE 756

A reconstituição do texto gravado *in latere sinistro* no suporte da inscrição honorífica do imperador Lúcio Vero foi – como se referiu supra – somente possível tendo como paralelo o texto do monumento epigráfico identificado no nº 6 da Rua da Saudade. Cotejando ambos os monumentos, destaquem-se, em primeiro lugar, as semelhanças tanto nas dimensões como na matéria-prima utilizada.

FE 745

Calcário do Cretácico da região de Lisboa, muito parecido com a lioz da região de Lisboa.

Bloco de dimensões: (57) x (68) x (23) cm; campo epigráfico: (36) x (56) cm.

Altura das letras: 1. 1: 4,3/4,5/3,7; 1. 2 e 3: 4,3/4,2 cm.

Espaços interlineares: 1: 0,7; 2:1- 1,2; 3: 1,6/1,7; 1,0; 4: 15 cm

FE 756

Calcário de lioz rosado (material característico da epigrafia olisiponense).

Bloco de dimensões: (60) x (70) x (64) cm. Campo epigráfico: (34,5) x (20) cm.

Altura das letras: 1.1: 3,7; 1. 2: 4,0; 1. 3: 4,2 cm. Espaços interlineares: 1.1: 1,2; 1. 2: 1,0; 1. 3: 22,5 cm.

É difícil comparar directamente as características paleográficas de cada inscrição, tendo em conta a desigualdade do grau de conservação dos seus suportes: enquanto a inscrição do teatro (FE 745) apresenta um excelente estado de conservação, fruto da sua reutilização na alvenaria da parede da fachada de um edifício; já a de Telheiras (FE 756) foi largamente exposta aos agentes meteorológicos, apresentando-se muito desgastada, sobretudo na face B (lateral esquerda). Tendo em conta estas circunstâncias, confrontem-se as características paleográficas de ambas as inscrições.

-----? /
[M PO]MPEIO MACRI[NO] /
P·IVVENTIO CELSO CO[S] /
M·CAECILIO AEMILIAN[O] /
Q·IVLIO MARCELLIANO IIVI[R]

Proposta de leitura

----? / [-----] / [P(ublio) · IVVENTIO] ÇELS[O CO(n)S(ulibus)] / [M(arco) · CAECILIO] AEM[ILIANO] / [Q(uinto) · IVLIO MAR]ÇELLIANO [IIVIR(is)] (duumviris).

[...] sendo cônsules Públio Juvêncio Celso; duúnviros, Marco Cecílio Emiliano, Q. Júlio Marceliano.

São notórias as características comuns entre ambas as inscrições. Em primeiro lugar, tendo em conta a textura irregular do calcário lioz típico da região de Lisboa, ambas as inscrições apresentam uma superfície previamente alisada. Destacamse, ademais, os invulgares *interspatia* existentes entre os *tria nomina* de cada personagem, particularmente evidentes em FE 745, mas também visível em FE 756, entre o gentilício [Caecilio] e o cognomen Aem[iliano]; a evidência de uma verticalidade geral, em todo o conjunto, típica dos caracteres actuários, com OO e CC oblongos; a existência de pequenas serifas; e a gravação de barras curtas e ténues nos EE e AA.

Já o amplo espaçamento em branco deixado entre a última linha e a base do campo epigráfico (15 cm em FE 745 e 22,5 cm em FE 756), poderá denunciar a intenção de a epígrafe ficar localizada acima do nível do olhar humano (Fernandes *et alii*, 2020: 8).

Contudo, outras características afiguram-se distintas. No que toca aos *puncti distinguentes*, o menor índice de conservação do suporte de FE 756 impede confirmar a presença de *hederae* entre os nomes dos magistrados, identificadas em FE 745 embora, também aqui, já quase imperceptíveis. Por outro lado, cuidados na paginação, como o recurso a um eixo de simetria ou a linhas auxiliares (evidentes na base da palavra

Marcelliano), bem visíveis na inscrição do teatro (FE 745), parecem estar ausentes na inscrição de Telheiras (FE 756).

No que toca à questão do funcionamento das oficinas provinciais, não obstante estarmos seguros de ambos os textos terem sido gravados pela mesma oficina epigráfica, é plausível concluir não ter havido uma *ordinatio* prévia que garantisse a igual distribuição do texto em ambas as inscrições, embora esta não deixe de ser muito semelhante.

3. Comparação entre as faces frontais de FE 745 e de FE 756

As características paleográficas verificadas dos textos das faces frontais evidenciam estarmos perante elegantes caracteres em capital quadrada monumental; porém, o nível de fragmentação da inscrição do teatro (FE 745) não permite uma comparação paleográfica detalhada com o módulo das letras da inscrição de Telheiras (FE 756). É apenas notória a semelhante dimensão entre os caracteres de ambas as inscrições, a circularidade similar nos OO e, também, uma certa similaridade igualmente atestada nos PP, RR e NN.

O facto de o pouco que resta do texto incluir uma genealogia imperial, aliado ao local do achado da inscrição, junto ao teatro romano, e às conhecidas campanhas de melhoramento arquitectónico e ornamental que o edifício comportara em 57 d. C., fruto da oferta do *proscaenium* e da *orchestra cum ornamentis*, por benemerência do augustal perpétuo *C. Heius Primus* (CIL II 183), levou a que fosse sugerido tratar-se da linha hereditária do imperador Nero. Este aliciante panorama levou os autores (Fernandes *et alii*, 2020: 10) a propor que o N conservado na linha final pertenceria à palavra identificativa da obra, *proscaenium*, *scaena* ou, porventura, a uma parte arquitetónica de um templo¹.

¹ Sobre a implantação original de FE 745, note-se que a inscrição fora encontrada em contexto de reutilização, próximo de uma das entradas monumentais do teatro, num edifício onde foram identificados os negativos das lajes de um pavimento designado por *opus sectile*, levando a que fosse interpretado como um templo de culto imperial (Fernandes *et alii*, 2020: 3-7).

Restava confirmar se a inscrição do teatro (FE 745) se trataria da reutilização de um monumento anterior, ou seja, se a face que refere a datação consular (164 d. C.) remeteria a um evento posterior à gravação da inscrição imperial (supostamente a Nero, em 57 d. C., coeva da de *Heius Primus*: CIL II 183).

Note-se que fora, precisamente, o módulo das letras – capitais monumentais quadradas (cujo principal critério de classificação consistira na perfeita circularidade dos OO) – a apontar, segundo os autores (Fernandes *et alii*, 2020: 9), para uma "datação dos primórdios do império", levando consequentemente à conclusão de que "teria, pois, havido reaproveitamento, em 164, de um monumento anterior".

É certo que este tipo de monumento de cariz oficial costuma manter um certo conservadorismo epigráfico, aqui fundindo uma capital quadrada mais estreita, com alguns arcaísmos visíveis na circularidade dos OO. Recorde-se, contudo, que a capital quadrada monumental – típica dos textos oficiais do séc. I d. C. – se atesta apenas nas faces frontais de ambos os monumentos, i. e., onde constam as homenagens imperiais.

Não deixa, assim, de ser curiosa a inconfundível diferença paleográfica observada entre a face A e a face B de cada inscrição. Ou seja, enquanto as faces frontais, dotadas de um cariz mais solene pela presença das homenagens imperiais, revelam o uso de uma capital quadrada monumental mais conservadora, nas faces laterais, porventura o carácter secundário do texto levou a optar por um tipo de letra que se aproxima mais da actuária.

Esta notável coincidência entre ambas, que não pode ser desprezada, leva-nos a crer estar diante de dois monumentos coevos, mandados fazer simultaneamente, como um conjunto orgânico de culto imperial. Neste ponto, estamos agora seguros para afirmar que ambos os pedestais (tal como as suas quatro inscrições) remetem, por datação consular, ao ano de 164 d. C. Esta conclusão é corroborada pelo facto de, na inscrição de Telheiras, ser homenageado o imperador Lúcio Vero, cujo reinado decorreu entre 161 e 169 d. C.

A diferenciação, que tem vindo a ser feita ao longo do presente estudo, entre a inscrição da face A e da face B em cada monumento, teve como propósito facilitar a individualização e identificação da parte do texto em análise. Não obstante, como veremos de seguida, cada pedestal oferece apenas uma

única inscrição que se desenvolve, organicamente, pelas duas faces do seu suporte: uma referindo a nomenclatura imperial; e a outra, a intervenção dos dedicantes no acto comemorativo. Atendendo assim ao facto de ambos os monumentos remeterem para a mesma cronologia (o co-imperialato de Marco Aurélio e Lúcio Vero) é avançada, de seguida, uma nova proposta de leitura e contextualização.

4. Nova proposta de transcrição e leitura do FE 756 e do FE 745

O facto de a conservação dos suportes ser diametralmente oposta para cada face dos distintos pedestais permitiu, por um lado, recorrer à face lateral da inscrição do teatro (FE 745) para reconstruir o texto da inscrição de Telheiras (FE 756); e, por outro, reconstituir o texto da face frontal da inscrição do teatro (FE 745), muito fragmentada, recorrendo à inscrição de Telheiras (FE 756).

Uma (re)análise ao pedestal de Lúcio Vero (FE 756) permite agora avançar com uma nova proposta de leitura, não só tendo agora a vantagem de poder comparar com a filiação utilizada no pedestal do teatro (FE 745); mas também, tendo como paralelo o formulário utilizado nas dedicatórias béticas a Lúcio Vero, em 164 d. C. (*Iluro*: CIL II 1946), e a Marco Aurélio, em 166 d. C. (*Tucci*: CIL II 2/5, 59); a Marco Aurélio, em 166-167 d. C., na Hispânia Citerior (*Libisosa*: CIL II 3234); e a Cómodo (CIL II 183), mandada fazer pela cidade de *Olisipo*.

Proposta de leitura de FE 756

[IMP(eratori) CAESARI] / [DIVI ANTONINI PII FILIO] / [DIV]I HADRIA[NI NEPOTI] / [DIV]I TRAI(ani) PARTHIC(i) · PR[ON(epoti)] / [DIV]I NERVAE ABNE[POTI] / [L(ucio) AV] R(elio) VERO AV[G(usto)] / [-----?] / -----? // ------? // -------? / [-----] / [----P(ublio) · IVVENTIO] CELS[O CO(n) S(ulibus)] / [M(arco) · CAECILIO] AEM[ILIANO] / [Q(uinto) · IVLIO MAR]CELLIANO [IIVIR(is)] (duumviris).

Ao Imperador César Lúcio Aurélio Vero Augusto, filho do divino Antonino Pio, neto do divino Adriano, bisneto do divino Trajano Pártico, trineto do divino Nerva ... Sendo cônsules Marco Pompeio Macrino, Públio Juvêncio Celso; e duúnviros Marco Cecílio Emiliano, Q. Júlio Marceliano.

Na linha 1, optou-se por sugerir o termo *Caesari* por extenso, tal como surge nas inscrições béticas (CIL II 1946 e CIL II 2/5, 59), de forma a aproximar o número de caracteres ao das restantes linhas, embora nada impeça pensar que estivesse antes gravada a tradicional abreviatura *Imp(eratori) Caes(ari)*, porventura com um módulo de maiores dimensões.

Na linha 2, propomos reconstruir por extenso, e de forma completa, o primeiro grau de filiação do imperador, uma vez que a *ordinatio* da inscrição assim o permite. Todavia, muitas outras variantes poderiam ser propostas, tais como: *divi Antonini fil(io)* ou *divi Pii filio*, embora a última nos pareça demasiado curta.

No que toca à opção de reconstituição dos graus de parentesco, para a inscrição do teatro já havia sido sugerido (Fernandes *et alii*, 2020: 9) que a filiação viria por extenso, à excepção do termo *pronep(oti)*, cuja abreviatura é justificada pela *ordinatio* (note-se que a primeira parte da palavra se encontra conservada – PRO – sendo possível ver ainda parte do N). Também o facto de os termos *nepoti* e *abnepoti*, o primeiro conservar EPO e parte do T, e o segundo apenas PO, parece apontar para uma gravação por extenso da genealogia imperial.

No caso de FE 756, o desgaste verificado nas arestas do pedestal admite a leitura de cerca de, pelo menos, três caracteres de ambos os lados do campo epigráfico, permitindo, da mesma forma, que os termos *filio*, *nepoti* e *abnepoti* tivessem sido, originalmente, gravados por extenso, mas não *pronepoti*, devido à *ordinatio* já muito condensada da linha 4.

Curiosamente, na inscrição do teatro (FE 745), entre as letras I e L do termo *filio* (l.1), verifica-se "um invulgar espaço" (Fernandes *et alii*, 2020: 9), não havendo vestígios de pontuação. O mesmo invulgar espaçamento parece poder observar-se após o E de *abne[poti*] (l.2), não parecendo seguir-se a haste vertical do P, nem parte do seu arranque superior. Não obstante, tenha-se em

conta que as irregularidades do calcário juntamente com o facto de se tratar da zona limite do campo epigráfico conservado, não permitem confirmar com segurança esta hipótese.

Por fim, no que toca à onomástica imperial, uma análise detalhada permitiu ainda verificar que a curvatura do caractere anterior ao V de VERO, ao começar a fechar logo a meia altura, não permite que seja o O final de AVRELIO, como outrora propusemos (FE 756), mas um R, figurando assim antes a abreviatura do gentilício, AVR(elio). Embora esta hipótese reduza o número médio de caracteres verificados nas restantes linhas (18)², pensamos que não seja de descartar, porventura, a possibilidade de se ter optado por enfatizar a nomenclatura imperial, destacando – na primeira e última linhas – a identificação Imp(erator) Caesar L. Aur(elius) Verus Aug(ustus), concentrando nas linhas intermédias da inscrição a filiação imperial até ao 4º grau (tal como surge na inscrição de Libisosa dedicada a Marco Aurélio: CIL II 3234; ou na de Olisipo, a Cómodo: CIL II 187).

Proposta de leitura de FE 745

[IMP(eratori) CAESARI] / [DIVI ANTONINI PII F] IL[IO] / [DIVI HADRIANI N]EPO[TI] / [DIVI TRAI(ani) PARTHIC(i)] PRON(epoti) / [DIVI NERVAE ABNE]POT[I] / [M(arco) AVRELIO ANTONI]N[O AVG(usto)] / - - - - - -? // - - - - -? / [M(arco) (hedera) PO]MPEIO (hedera) MACRI[NO] / P(ublio) · IVVENTIO (hedera) CELSO CO[(n)S(ulibus)] / M(arco) · CAECILIO AEMILIAN[O] / Q(uinto] · IVLIO MARCELLIANO IIVI[R(is)] (duumviris).

² Não creio ser razoável ler na linha 4, L. AELIO AVR. VERO, dada a dificuldade de inserir os cinco caracteres do termo *Aelio*, entre *L(ucio)* e *Aur(elio)*, mantendo a presente *ordinatio*. Ademais, esta hipótese mostra-se extremamente rara no registo epigráfico, tendo como único paralelo uma inscrição de Roma, datada de 162-163 d. C.: *Imp(eratori) Caes(ari) divi Antonini / Pii fil(io) divi Hadriani / nepoti divi Traiani / Parthici pronepoti / divi Nervae abnepoti / L(ucio) Aelio Aurelio Vero / Aug(usto) tribunic(ia) / potest(ate) III co(n)s(uli) II / fratri Arvali (CIL VI, 1021).*

Ao Imperador César Marco Aurélio Antonino Augusto, filho do divino Antonino Pio, neto do divino Adriano, bisneto do divino Trajano Pártico, trineto do divino Nerva [...]. Sendo cônsules, Marco Pompeio Macrino, Públio Juvêncio Celso; e duúnviros, Marco Cecílio Emiliano, Q. Júlio Marceliano.

No que toca às faces frontais, se o início dos textos é, relativamente, fácil de reconstruir dada a estereotipia do formulário nas homenagens imperiais, tendo existido, pelo menos, mais duas linhas no FE 756, e uma no FE 745; já o final do texto, correspondente aos títulos imperiais, verificou-se mais difícil de determinar, uma vez não ser seguro o número de linhas em falta (pelo menos uma). Neste espaço estaria gravada a restante titulatura imperial, podendo alternar a menção de algum título *ex devictarum gentium*, como *Armeniacus* (ganho após a conquista da capital da Arménia, *Artaxata*, durante as guerras partas), com a indicação do poder tribunício e do consulado.

O texto em falta nas faces laterais também não é fácil de determinar, sendo provável estarem ausentes uma linha em FE 745 e duas em FE 756. Tendo em conta o facto de a identificação dos cônsules ocupar duas linhas na inscrição do teatro (FE 745), parece seguro admitir que uma das linhas em falta em FE 756 fosse precisamente a linha onde se identificaria o nome do primeiro cônsul, *M. Pompeio Macrino*.

É ainda possível admitir, tendo em conta o número de linhas em falta nas faces frontais de ambas as inscrições, a presença de uma outra linha – hoje ausente – no início das faces laterais, onde poderia figurar a indicação do dedicante, neste caso, a cidade de *Olisipo*, e uma fórmula como *d(ecreto) d(ecurionum)*.

Considerações Finais

Em suma, as motivações por detrás da elevação de ambos os monumentos, tal como o seu texto honorífico, complementam-se na perfeição. Estamos assim perante dois pedestais de estátua gémeos, mandados fazer pela cidade de *Olisipo*, em homenagem aos coimperadores, Marco Aurélio e seu irmão, Lúcio Vero, porventura, pelos sucessos militares obtidos no seguimento das guerras partas (161-166 d. C.).

Por outro lado, o uso do caso dativo (típico dos *tituli honorarii*) – visível na face frontal da inscrição de Lúcio Vero –, aliado ao facto de a tipologia do suporte consistir em *basis statuae*, aponta para

que tanto a inscrição de Telheiras (FE 756) como a do teatro (FE 745) correspondam a homenagens imperiais (Andreu, 2009: 365 e ss) e não a inscrições monumentais (isto é, referentes à construção ou restauro de um edificio, teatro ou templo), como inicialmente se poderia ter pensado (Fernandes *et alii*, 2020: 10-11).

Ambos os pedestais se revelam de grande importância para a história da cidade de *Olisipo*³, dando continuidade a uma série de homenagens imperiais mandadas fazer pela cidade através dos seus duúnviros, das quais se destacam os pedestais gémeos consagrados ao imperador Adriano (CIL II 186) e à sua esposa, a imperatriz Sabina (CIL II 4992 = CIL II 5221); a homenagem ao imperador Cómodo, filho de Marco Aurélio (CIL II 187); e o pedestal consagrado ao imperador Filipe I (CIL II 188), confirmando que a vida cívica da cidade se manteve, pelo menos, até meados do séc. III d. C. (Reis, 2015).

Por fim, relembre-se que a natureza utilitária destes materiais (grandes blocos de pedra afeiçoada) levou à sua constante reutilização ao longo do tempo, podendo a sua mobilidade ser completamente aleatória, como bem reflecte o facto de o pedestal de Marco Aurélio (FE 745) ter permanecido próximo do seu suposto local de implantação original (possivelmente, um templo de culto imperial localizado próximo de uma das entradas monumentais do teatro, cf. Fernandes *et alii*, 2020: 3-7); e o pedestal de Lúcio Vero ter viajado até Telheiras, para aí ser alvo de múltiplas reutilizações, entre elas, base de cruzeiro⁴ e floreira.

Não obstante a proximidade ao teatro romano, não pode, porém, ser totalmente preterida a hipótese de estes pedestais honoríficos, dada a sua natureza solene e oficial, terem tido como implantação original o espaço público mais proeminente da cidade romana, o fórum, por excelência.

³ Encontra-se no prelo um estudo pormenorizado que inclui as circunstâncias do achado da inscrição; propostas de desenvolvimento do seu formulário; contextualização histórica e arquitectónica do monumento; além do seu cotejo com outras inscrições coevas.

⁴ Deixo um agradecimento a Moisés Campos (DMC/DPC/CAL), técnico de conservação e restauro do CAL, quer pela incansável assistência durante a visita à peça quer pelas pertinentes sugestões no que toca à reutilização do monumento como base de cruzeiro.

BIBLIOGRAFIA

Andreu, Javier [coord.] (2009) — Fundamentos de Epigrafia Latina. Liceus, Servicios de Gestión y Comunicación S. L.

Fernandes *et alii* (2020) – "Duas inscrições junto ao teatro de *Olisipo*", *FE* 205 nº 745, pp. 3-16.

Reis, Sara (2020) – "Pedestal honorífico de L. AVRELIVS VERVS em *Olisipo (Conventus Scallabitanus, Lusitania)*", FE 209 nº 756, pp. 8-16.

REIS, Sara (2015) — *Religião e Sociedade no Municipium Olisiponense*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Salvado, Salete (2004) – "Uma pedra romana de Telheiras", 1^a Jornadas Histórico-Culturais do Lumiar, pp. 49-55.

SARA HENRIQUE REIS 5





796

⁵ INIARQ - FLUL



3



.





796





796